



PESQUISA

CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA INTERNET - SEGURANÇA

RELATÓRIO

Cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil¹. Esse número de 2019, certamente deve ter se ampliado com a situação da pandemia da Covid-19 que obrigou o distanciamento social e colocou a internet como a principal alternativa para muitas crianças e adolescentes interagirem, seja para estudos ou outra forma de socialização.

O acesso à internet por crianças e adolescentes é, sem dúvida, importante, mas esconde perigos e problemas para os quais os pais e responsáveis devem estar atentos, supervisionando as atividades dos menores.

Visando conhecer mais sobre como se dá o acesso e se os pais estão atentos ao uso da internet pelos seus filhos, o PROCON-SP, por meio do Núcleo de Inteligência e Pesquisas da Escola de Proteção e Defesa do Consumidor, resolveu investigar o tema, iniciando com uma pesquisa direcionada aos pais.

Objetivos, metodologia e resultados da pesquisa são apresentados a seguir.

¹ Comitê Gestor da Internet no Brasil - 2019



Objetivo

Verificar qual a relação de crianças e adolescentes (6 a 17 anos) com a internet e como os pais estão atentos para esse acesso.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário estruturado, disponibilizado no site do PROCON-SP, no período de 12 a 21/08/20.

Resultados

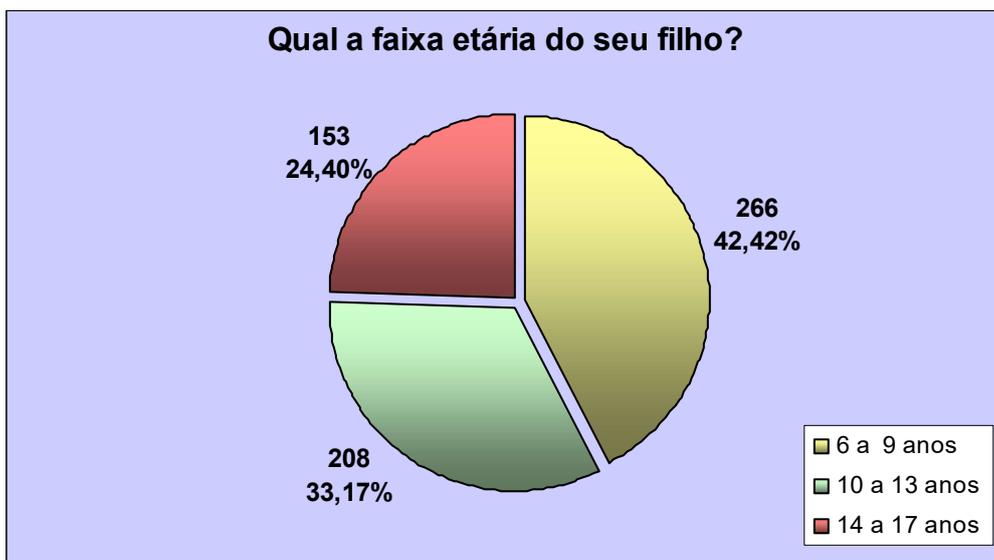
Responderam à pesquisa 1122 consumidores. Destes, a maioria, 55,88% (627) possuem filhos com idade de 6 a 17 anos.



Base: 1122 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

A faixa etária dos filhos dos entrevistados ficou assim distribuída: 42,42% (266) de 6 a 9 anos; 33,17% (208) de 10 a 13 anos e, 24,40% (153) de 14 a 17 anos.

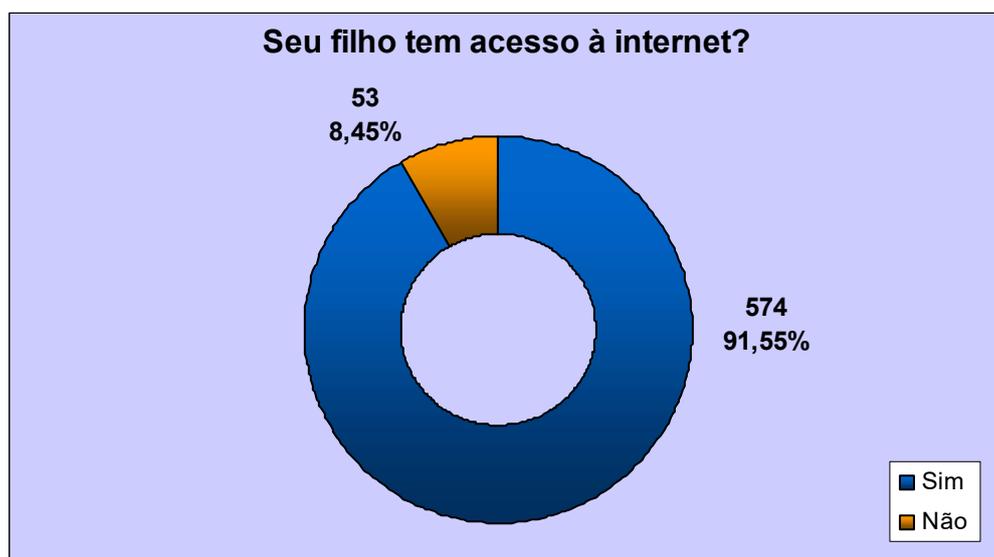


Base: 627 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

O maior percentual entre os entrevistados é de pais com filhos na faixa etária de 6 a 9 anos.

Apenas 8,45% (53) dessas crianças e adolescentes não possuem acesso à internet. Os demais, quase a totalidade, 91,55% (574) possuem acesso.



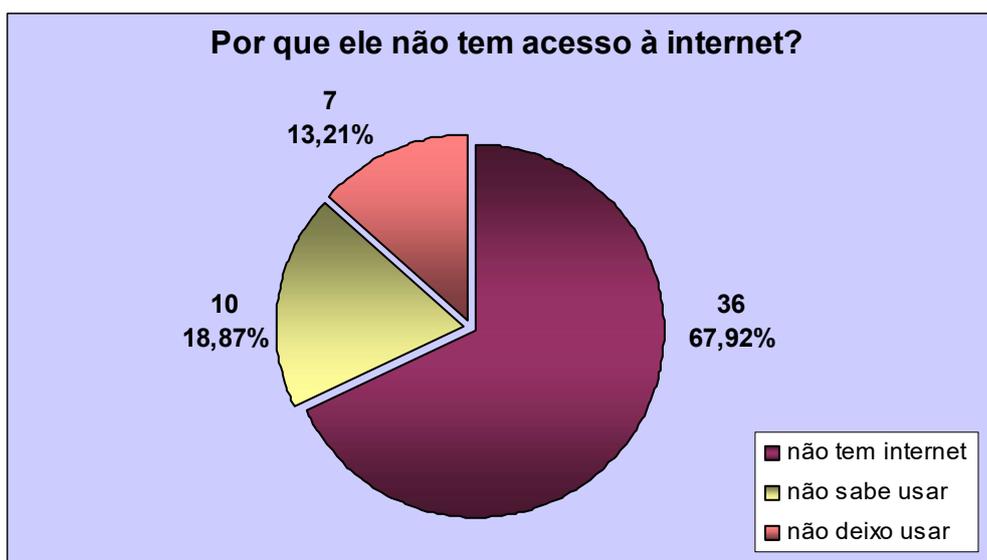
Base: 627 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP



O fato de a pesquisa ter sido realizada online pode ter influenciado nesse percentual, uma vez que existe o pressuposto de que quem estiver respondendo é porque tem acesso e conexão à internet. No entanto, a questão se referiu especificamente ao acesso dos filhos. Vemos, portanto, que mesmo os pais acessando a internet, ainda assim 8,45% dos filhos (as) não acessam, ou seja, quase 1 a cada 10 do universo pesquisado.

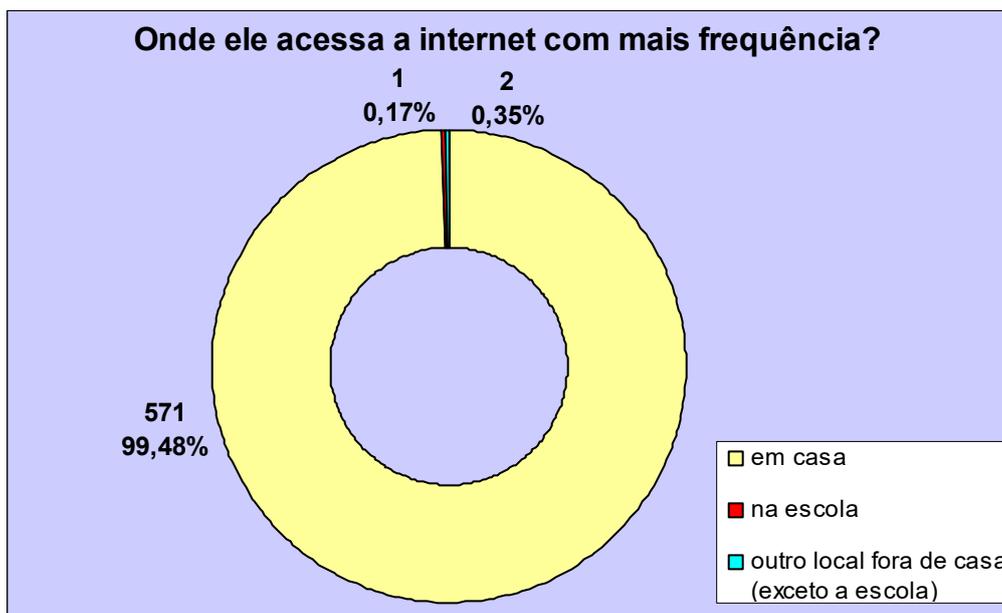
Aos pais cujos filhos não têm acesso à Internet, foi questionado o motivo. A maioria, 67,92% (36) respondeu que seu filho não possui internet; 18,87% (10) afirmaram que o filho não acessa a internet porque não sabe usar e 13,21% (7) não acessam porque os pais não permitem.



Base: 53 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Aos que acessam a Internet, questionamos onde essas crianças e adolescentes acessam com maior frequência. Quase a totalidade, 99,48% (571), acessa em casa.

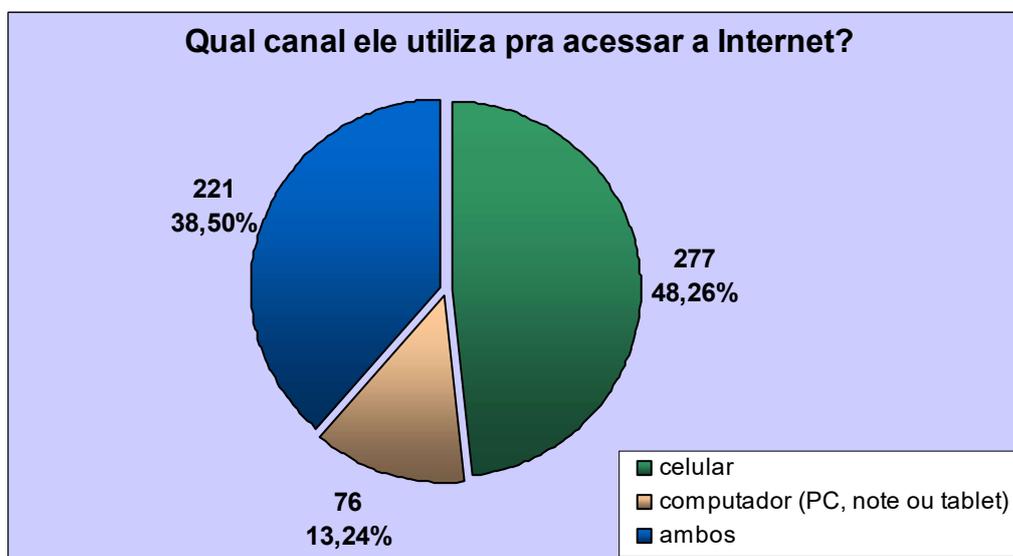


Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Considerando que vivemos um momento em que crianças e adolescentes estão com sua mobilidade limitada, o percentual pode ter sido influenciado por essa situação.

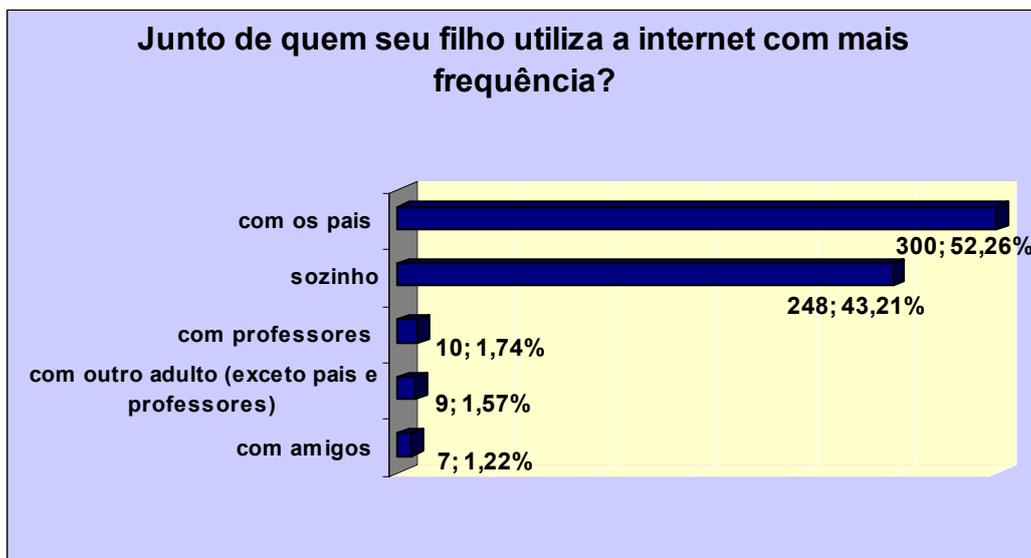
A seguir, questionamos por qual canal essas crianças e jovens acessam a internet. 48,26% (277) acessam pelo celular, 13,24% (76) pelo computador (PC, note ou tablet) e 38,50% (221), acessam por ambos, ou seja, celular e computador.



Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – NIP

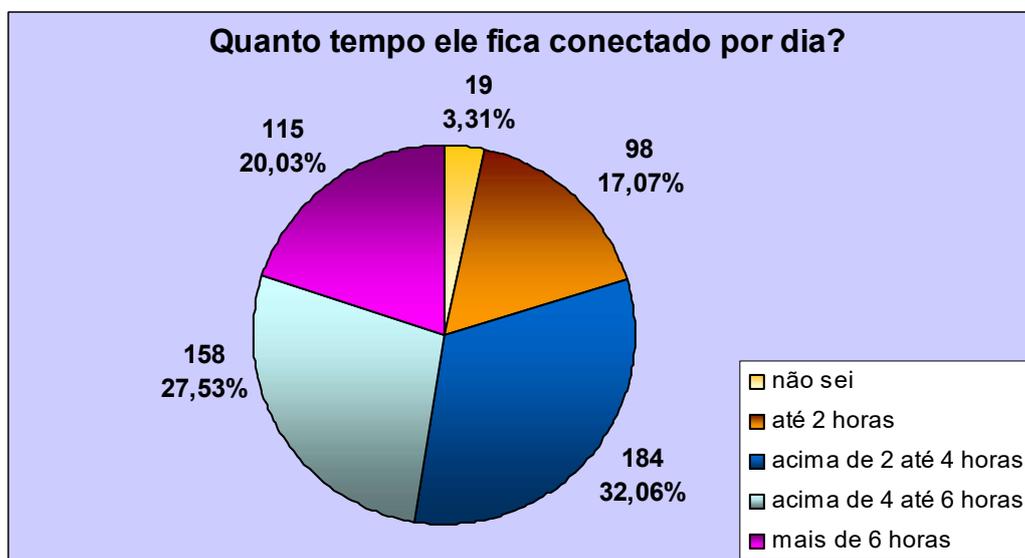
Foi questionado, junto a quem essas crianças e adolescentes acessam com maior frequência a internet. Segundo os entrevistados, a maioria, 52,26% (300) acessa a internet com o acompanhamento dos pais e 43,21% (248) acessam sozinhos.



Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

A seguir, foi questionado sobre o tempo de conexão diária. De acordo com os entrevistados, 32,06% (184) das crianças e adolescentes permanecem conectados mais de 2 até 4 horas por dia; 27,53% (158) se conectam mais de 4 até 6 horas por dia; 20,03% (115) permanecem conectados mais de 6 horas por dia e 17,07% (98) se conectam até 2 horas por dia. 3,31% (19) dos pais afirmaram não saber quanto tempo seu filho permanece conectado.

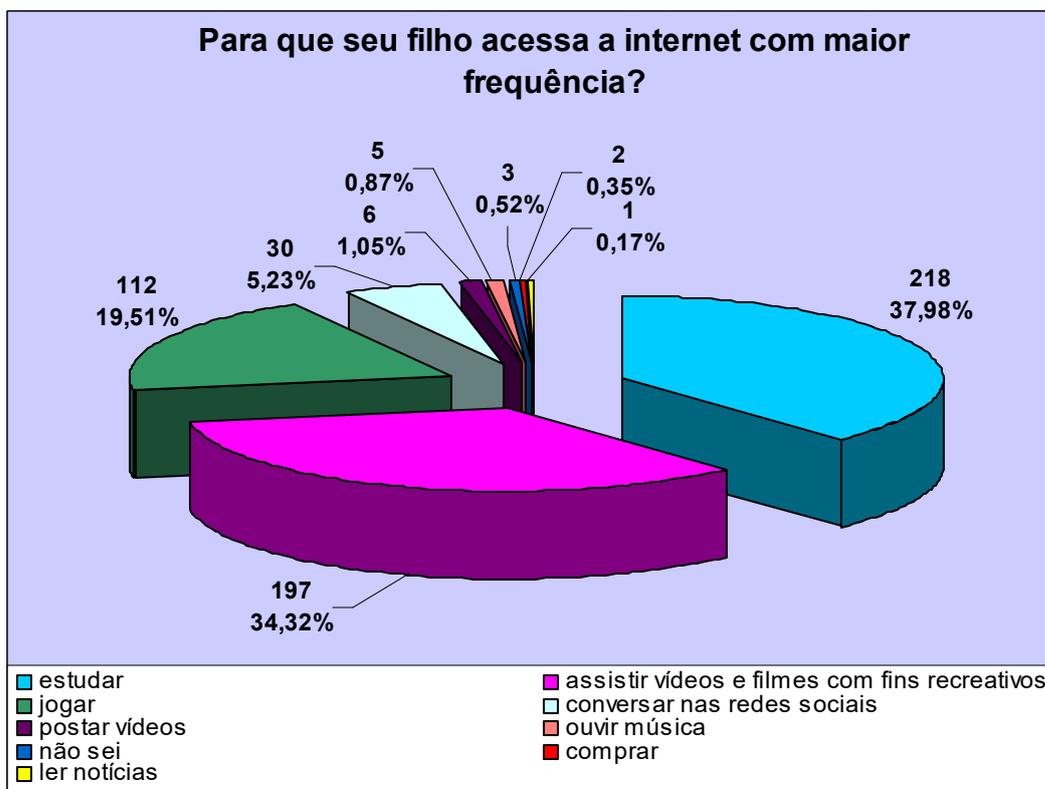


Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

O tempo de conexão da maioria é bastante elevado, quase metade fica mais de quatro horas. No entanto, o atual momento, onde muitos estão tendo aulas online, exige mesmo uma maior conexão. O mais preocupante, em termos de segurança, são os pais que não sabem dizer quanto tempo seus filhos ficam conectados, o que indica que não estão atentos, porém esse percentual é pequeno.

Quanto à finalidade da conexão, foi questionado aos entrevistados para quê, com maior frequência, seu filho acessa a internet. O maior percentual, 37,98% (218) é daqueles que acessam para estudar; a seguir, um percentual muito próximo, 34,32% (197), acessa com mais frequência para assistir a vídeos e filmes, com fins recreativos. Na sequência, 19,51% (112) utilizam a internet para jogar e 5,23% (30) para conversar nas redes sociais. A seguir, todas as respostas:

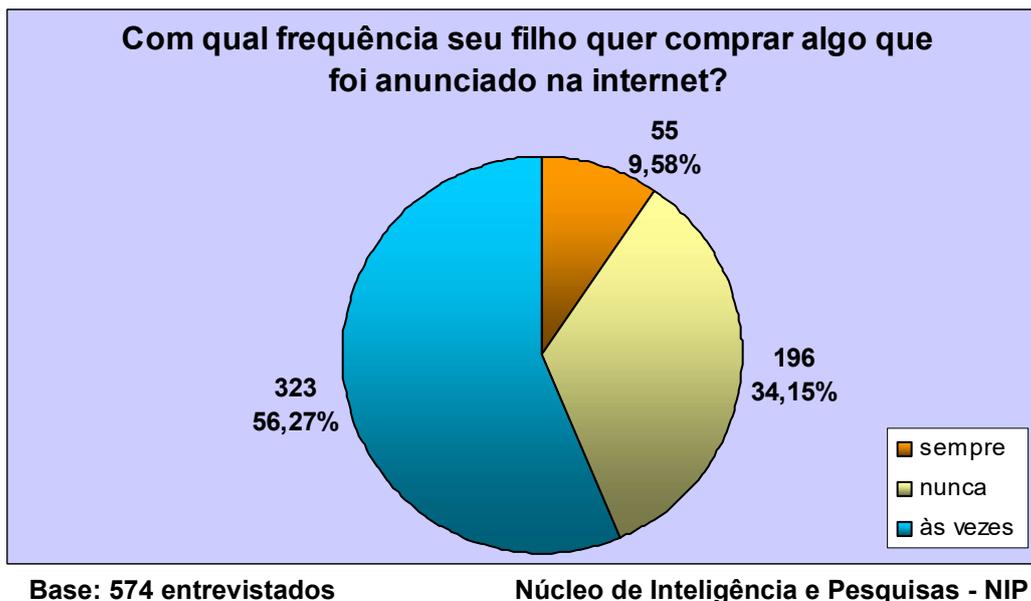


Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

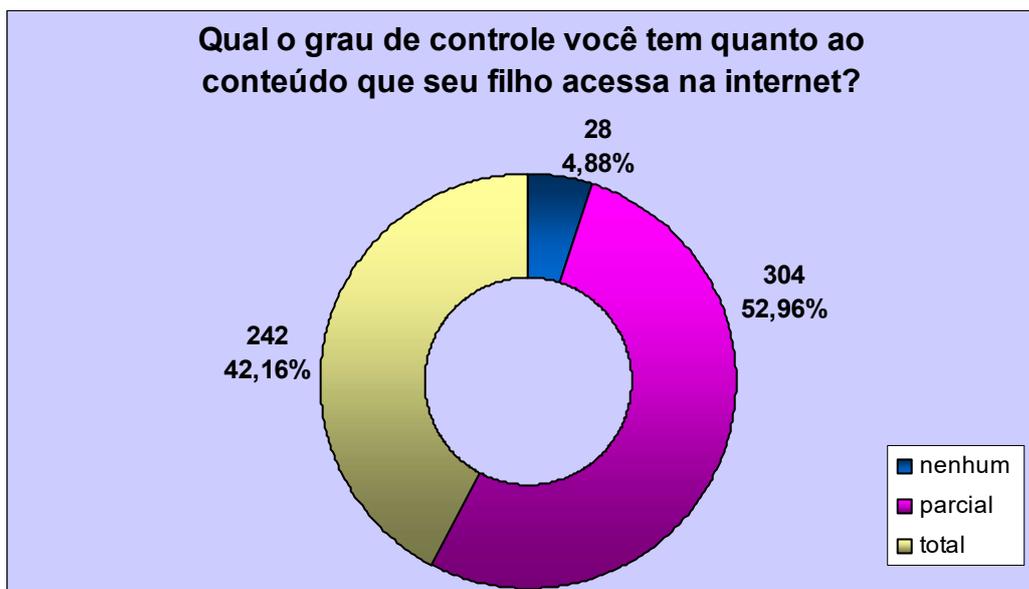
Foi perguntado aos entrevistados com qual frequência seu filho manifesta querer comprar algo que foi anunciado na internet.

A maioria, 56,27% (323) respondeu que às vezes, 9,58% (55) sempre e 34,15% (196) nunca.



Os anúncios na internet são frequentes e podem ocorrer em qualquer conexão. Ainda que o objetivo do acesso não seja pesquisar algum produto ou serviço para compras, crianças e adolescentes têm contato com os anúncios e são “convidados” a comprar. Os resultados apontam que o contato com a publicidade existe e que há uma efetiva influência no desejo de compras.

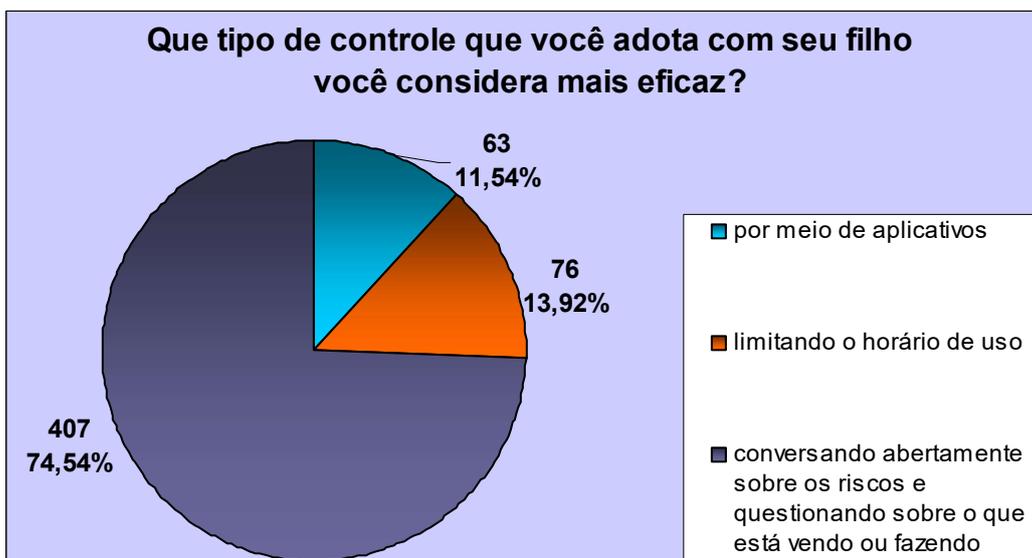
Quanto ao conteúdo acessado pelas crianças e adolescentes, questionamos ao entrevistado, qual o grau de controle que considera ter. A maioria, 52,96% (304) afirmou que o controle é parcial; 42,16% (242) consideram que tem o controle total e 4,88% (28) admitiram que não tem controle algum.



Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Questionamos aos entrevistados, exceto aos que afirmaram que não exercem controle algum sobre os que seus filhos acessam, que tipo de controle adotado consideram mais eficaz. A maioria, 74,54% (407), considera que é conversar abertamente com seu filho sobre os riscos e questioná-lo sobre o que está vendo ou fazendo.



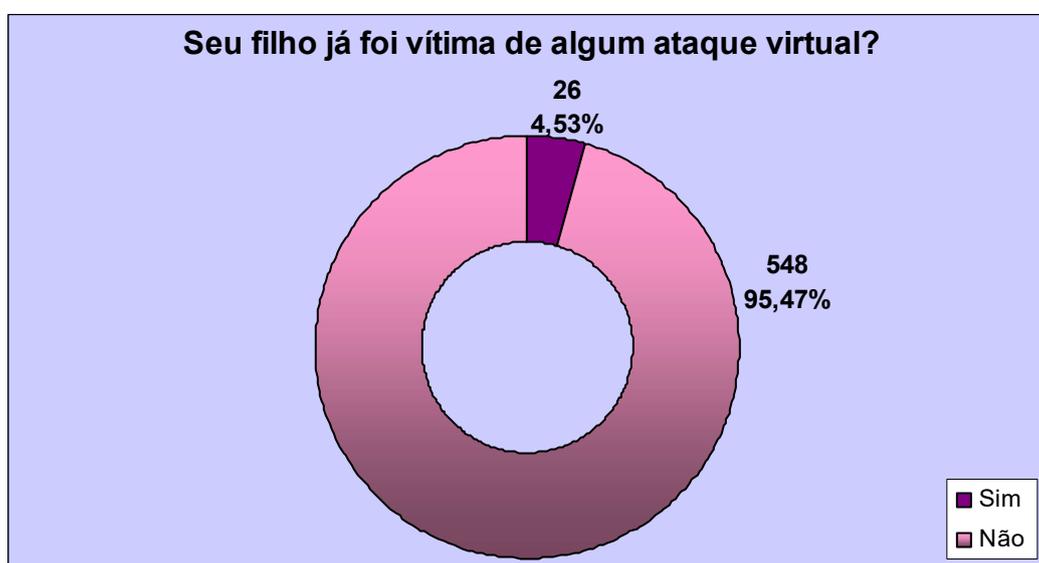
Base: 546 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP



O diálogo aberto, com orientações é sempre a melhor forma de prevenção. A utilização de aplicativos específicos que bloqueiam acessos considerados inapropriados, bem como, o limite de horário de uso são formas que auxiliam ao controle, visando à segurança dos usuários.

Quando questionamos aos entrevistados se seu filho já havia sido vítima de algum ataque virtual, quase a totalidade dos entrevistados, 95,47% (548), respondeu que não, mas 4,53% (26) afirmaram que sim.

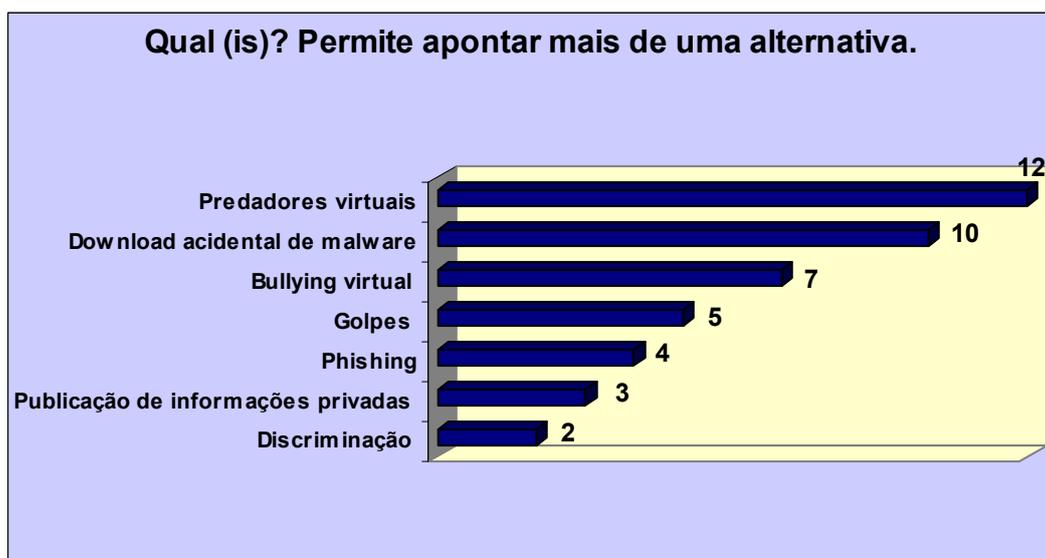


A pergunta foi propositalmente genérica. A quase totalidade respondendo que seu filho não sofreu qualquer ataque virtual pode indicar que de fato isso nunca ocorreu ou, por outro lado, o desconhecimento dos pais, tanto sobre que venha a ser um ataque virtual ou no que de fato ocorreu com seus filhos.

Para aqueles cujos filhos já foram vítimas de algum ataque virtual, questionamos qual (is), permitindo a escolha de mais de uma alternativa. Destacamos os três mais apontados: 12 citaram que seus filhos foram vítimas de predadores virtuais (pessoas anônimas que navegam na internet para estabelecer relacionamentos online com jovens inexperientes), 10 de download acidental de malware (qualquer parte de um software que tenha sido codificada com



objetivo de danificar dispositivos, roubar dados e causar danos às pessoas), 7 de bullying virtual (uso de mensagens, publicações, chats em redes sociais, SMS para maltratar alguém, geralmente por meio de insultos, ameaças), os demais ataques apontados constam no gráfico abaixo:



Base: 26 entrevistados (43 apontamentos) Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Em relação ao comportamento do filho questionamos se o entrevistado percebeu alguma mudança decorrente da sua relação com a internet. A maioria afirmou que não, 69,34% (398), mas cerca de um terço dos entrevistados, 30,66% (176), afirmou que sim.



Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP



Aos que perceberam mudança de comportamento de seus filhos, decorrente do uso da internet, foi perguntado qual (is) seriam essa (s) mudança (s), permitindo a escolha de uma ou mais alternativas.

As mudanças mais citadas foram: transtornos psicológicos, tais como irritação, isolamento social e outros (78), sofrimento por estar desconectado (63), aumento de conhecimento, tanto de conteúdo como uso de aplicativos e ferramentas de informática (57). Os demais resultados estão no gráfico abaixo:



Base: 176 entrevistados (199 apontamentos) Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Além dos riscos que as crianças e adolescentes estão expostos ao acessarem diversos sites e interagirem com diversas pessoas, as quais os pais devem tomar medidas de prevenção, há também efeitos para os quais os pais também devem estar atentos. Alguns efeitos são positivos e devem ser incentivados, outros, porém, podem causar problemas de saúde, emocionais, entre outros.